



RRESENHA

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **A roda da vida: memórias do viver e do morrer**; [tradução Maria Luiza Newlands Silveira] – Rio de Janeiro: GMT, 1998.

Lenina Lopes Soares Silva¹

Pensar a vida como uma roda é com certeza refletir sobre a circularidade dos movimentos das pessoas vivas, em especial, daquelas que ficaram vivificadas em nossa memória e de certa forma compreender a vida como uma travessia entre o nascimento e a morte, sem que esta última signifique um fim. Talvez seja também reconstruir o vivido pelas idas e voltas que compuseram os caminhos percorridos e os a percorrer. Quem sabe sem deixar que muitos fatos fiquem de fora do holograma pulsante da reflexividade que vai se amalgamando na memória, e que nas narrativas autobiográficas é vivificado. É neste sentido que Elisabeth Kübler-Ross (1926 – 2004), médica psiquiatra, suíça, radicada nos Estados Unidos da América vai traduzindo sua vida nesta autobiografia: **A roda da vida: memórias do viver e do morrer**, circundando suas experiências e vivências como pessoa e como profissional. Deixa dessa maneira, para a humanidade as particularidades de seu destino como filha, mulher, esposa, mãe e, especialmente, como profissional da saúde, as reflexões de um ser humano que viveu sempre preocupado com os outros, e que, quer deixar esse significado de vida para as pessoas. Neste sentido, entende-se que sendo uma cientista cujas experiências a levaram a proposição de que as pessoas passam por estágios antes de morrer, esta escrita de si, traz a vida e a morte como processos in/diferenciados no caminho a ser trilhado pelos que nascem.

O livro é dividido em quatro partes compostas por 40 capítulos e 313 páginas. Na primeira parte **“O camundongo”** ou os primeiros anos de vida -, são relatadas suas vivências junto à família na Suíça, culminando com suas experiências diante das imagens das atrocidades da Segunda Guerra Mundial, como voluntária na Polônia. Os encontros com os horrores da Guerra e com seres humanos com grande nível de desenvolvimento espiritual fizeram-na decidir a ter como objetivo de vida procurar fazer tudo que fosse possível para garantir que **“as futuras gerações não produzissem um outro Hitler.”** (p.86). Diante do horror de Maidanek questiona-se: **“Como homens e mulheres podem fazer coisas assim uns aos outros? Como é que as pessoas, especialmente mães e crianças, sobreviviam no decorrer daquelas semanas e dias antes da morte que tinham como certa?”** Afirma que saiu dali refletindo como os seres humanos podem agir de forma tão criminoso com outros humanos em especial com crianças inocentes, compreendendo que: em cada ser humano habita um Hitler; não há diferença entre as mães e que o amor transcende língua e nacionalidade, e que compete aos humanos fazerem suas escolhas.

Na segunda parte **“O urso”** ou o início da meia-idade -, é a parte mais longa da narrativa na qual a autora fala de sua formação em medicina e dos problemas

¹ - Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia, Mestre em Ciências Sociais, Doutoranda em Ciências Sociais – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFRN; E-mail: lenina@natal.digi.com.br

enfrentados durante a mesma, de suas relações com os professores e colegas, de seu encontro com Indira Gandhi, de suas experiências como médica no interior da Suíça e em grandes hospitais nos Estados Unidos, de seu casamento e do nascimento de seus filhos. Revela a experiência como escritora do seu primeiro livro intitulado **Sobre a Morte e o Morrer**, no qual ela discorre sobre suas observações com pessoas que sofreram perdas e também com seus pacientes terminais, cujas reflexões a levaram a afirmar que todos passaram por estágios que inicialmente é de choque e de negação, evoluindo para a raiva e o rancor e finalmente, chegam à mágoa e a dor. Nesta parte, ela vai avaliando a vida e fazendo pontuações sobre o que considera como fardos na vida, as mágoas, os desentendimentos, as incompreensões, chamando a atenção para a negação social daquilo que não está confirmado cientificamente; daquilo que é definido de outra maneira, de uma nova maneira de pensar – sobre a morte e o morrer, como no caso dela.

“**O búfalo**” é a terceira parte que ela classifica como “final da meia-idade” –, aqui a autora continua a avaliar sua vida demonstrando menos energia de enfrentamento e, com certa serenidade, sinaliza acontecimentos desagradáveis que a fizeram sofrer muito, os quais ela considera como lições de vida cujos ensinamentos ela enfatiza como essenciais, haja vista que nesta memória a vida é o arcabouço do aprendiz e é dela que os seres humanos devem retirar suas hipóteses para refletir, fazer escolhas, guiar seu processo de humanização e suas ações no mundo e para o mundo.

Na quarta parte “**A águia**” ou os últimos anos de vida –, a médica que fez a proposição sobre a morte e o morrer discorre sobre a vida e o viver, o que na verdade é a tese central deste livro “**A roda da vida**”. Tese defendida com os argumentos factuais de uma vida carregada de singularidades que fizeram a diferença pelo amor e pela dedicação aos outros, pelos serviços prestados e pelas atitudes de coragem diante das injustiças, da falta de amor entre os humanos e do desrespeito à natureza. Sem negar seus defeitos e suas qualidades, seus bons e maus hábitos, suas carências e suas necessidades e já no final da vida ainda deixa para o leitor o seguinte:

Felizmente, cheguei a um ponto em que não preciso mais voltar atrás para aprender mais lições, mas, infelizmente, não estou satisfeita com o mundo de onde estou partindo pela última vez. O planeta inteiro está em dificuldades. Esta é uma época muito frágil da história. A Terra foi maltratada durante um período longo demais sem que se considerasse a possibilidade de graves conseqüências. (KÜBLER-ROSS, 1998, p. 311).

A abordagem perpassada no livro é construída tendo como parâmetro a história de sua vida e a do contexto sócio-cultural do século XX, em que a autora viveu quase toda sua vida, o qual é por ela criticado haja vista os problemas sociais, culturais e, principalmente, humanos nele contidos. Neste último, em que ela se inclui, buscando modificar a realidade cruel das condições impostas à condição humana, naturalmente frágil, em seu momento de vida, procurando fazer a

diferença através de ações que podem ser compreendidas como humanitárias. A estruturação do texto é comum, o que faz a diferença são os significados dados à infância, à juventude, à formação em medicina, ao trabalho, à idade adulta e à velhice conduzidos com imaginação criativa, com argumentos reflexivos e reversíveis, dando ênfase àquilo que vale a pena ser narrado. Em muitos momentos, sentimos que foram feitos cortes ou supressões, mas isto não afeta a compreensão do todo, não lhe tira a coerência ou a coesão. Deixa, também, entrever que o objetivo do livro é abordar os acontecimentos que marcaram sua vida e que de certa forma delinearão seu destino, seus sucessos e insucessos. Assim, faz desta escrita de si uma escrita de razões em si, opondo-se ao desperdício das experiências por ela vividas, quando diz: **“Ao longo da vida surgem pistas que nos indicam para que direção devemos seguir. Se não damos atenção a essas pistas, fazemos opções erradas e acabamos levando uma vida infeliz.”** (p. 22).

A leitura proporciona ao leitor uma interpretação da vida da autora como de uma pessoa que viveu para superar obstáculos, pelos registros de fatos e acontecimentos que são demarcados por ela como lições de vida. Lições que ela transmite como sendo umas e múltiplas por serem expressas através de um único princípio **“o amor incondicional,”** capaz de curar pessoas e de fazê-las humanas o suficiente para arriscarem-se em função de outro ser humano, de outro animal e até do planeta Terra em defesa da própria humanidade. A partir deste princípio propõe uma interpretação da vida e da morte como processos indissociáveis, como atos contínuos, conflituosos que só podem adquirir significados através de sentimentos capazes de entender a própria vida e a vida do outro que muitas vezes está sofrendo ao seu lado, sempre em conformidade com este princípio, daí porque além dos animais que nominam cada uma das partes do livro, há um animal que pode ser encontrado em todo o livro - **a borboleta.**

Em síntese, além da vida pessoal e profissional nas quatro partes do livro são expostas as amizades e as relações de ajuda por ela vividas, como sendo estas que impulsionaram a roda de sua vida em todos os momentos. Encontros, pessoas e lugares são as substâncias dessas memórias do viver e morrer de alguém que no final de sua vida deixa para nós – seus leitores as seguintes questões: Que serviços você prestou para a humanização do homem? O que fez para ajudar as pessoas que estão a sua volta? Você dá o devido valor à aprendizagem como um conteúdo de humanidade para aprimorar a sua existência? E os seguintes ensinamentos: ajudar é preciso e necessário e amar é o que dá significado à existência.

Fazer outras reflexões seria com certeza tirar dos futuros leitores o prazer de novas interpretações. O livro pode ser indicado para qualquer leitor que deseje fazer uma leitura proveitosa sobre a vida, pois **“nada acontece por acaso”**, todavia, teria um sentido aplicativo, tão em moda na atualidade, quando indicado para estudantes, professores e profissionais da área da saúde por possibilitar, principalmente, uma leitura reflexiva sobre a temática da humanização no atendimento a pacientes terminais.

Vale a pena o desafio de lê-lo!...

